

PUBLIQUE-SE E  
DISTRIBUA-SE  
28 / 05 / 2015



*Paulo M*

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

VOTO DE PESAR N.º 263/XII  
PELO FALECIMENTO DE HERBERTO HELDER

Faleceu em Cascais, na passada segunda-feira, vítima de ataque cardíaco, aquele que é justamente considerado um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos e um criador de dimensão universal.

Nascido em 1930, no Funchal, Herberto Helder de Oliveira estudou Direito e Filologia Românica, vagueou pelo mundo, exerceu variadíssimas atividades profissionais e conheceu a clandestinidade. Mas o seu grande ofício foi alquimia da Palavra feita Poema que ele próprio é “um objeto carregado de poderes magníficos, terríficos” que “promove a desordem e uma ordem que situam o mundo num ponto extremo.” Onde “o mundo acaba e começa”.

Poeta maior, poeta visionário e poderoso, por muitos considerado ao nível de Camões e Pessoa, Herberto Helder deixa-nos uma das obras maiores alguma vez escritas em Língua Portuguesa.

Entre o seu título de estreia em 1958 – *O Amor em Visita* – e *A Morte sem Mestre*, último e premonitório livro lançado no ano passado, brilha uma constelação de obras radiosas que constituem um verdadeiro manancial de sabedoria e um precioso património, onde todos – gerações atuais e vindouras – continuaremos a ser desafiados a decifrar o inexplicável e o mágico e a descobrir o enigma do mundo e o mistério da vida.

Esta semana, partiu o criador que “[...] *tinha paixão pelas coisas gerais, água, música, pelo talento de algumas palavras para se moverem no caos, pelo corpo salvo dos seus precipícios com destino à glória, paixão pela paixão*”, como tão bem o descreve em *A Faca Não Corta o Fogo*.

Esta semana, deixou-nos o homem que recusava prémios e entrevistas, que detestava os mecanismos da mediatização, que fora operário metalúrgico, empregado de cervejaria, cortador de legumes e marinho.

